

## **A PERDA DOS TERRITÓRIOS E O PROCESSO DE RE- TERRITORIALIZAÇÃO DOS ATINGIDOS POR UHE – SERRA DO FACÃO EM CATALÃO (GO)**

Jaqueline de Cássia Neves

Mestranda em Trabalho e Movimentos Sociais – Universidade Federal de Goiás /

Campus Catalão

Membro do Grupo Geografia, Trabalho e Movimentos Sociais - GeTEM

[jaquelinenaves@gmail.com](mailto:jaquelinenaves@gmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho é o relato preliminar da pesquisa que está sendo desenvolvida no Programa de Mestrado do Campus Catalão da Universidade Federal de Goiás, na linha de pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais. O projeto é um desdobramento de vários outros que foram desenvolvidos por pesquisadores vinculados ao Getem desde 2003 levantando a problemática dos impactos sociais e ambientais da construção da UHE – Serra do Facão no município de Catalão (GO). A pesquisa buscará compreender o processo de reterritorialização dos camponeses atingidos pela hidrelétrica. Objetiva-se conhecer com o desenvolvimento da pesquisa as implicações culturais, sociais e econômicas decorrentes do processo de desterritorialização e da reterritorialização destes camponeses, para isso, buscou-se fazer um levantamento teórico da discussão sobre territorialidade, desterritorialidade e reterritorialização, dando ênfase, aos processos relacionados ao campesinato brasileiro. Os resultados obtidos até o momento denunciam a natureza violenta do processo de desterritorialidade e a insegurança da reterritorialização para os camponeses atingidos, visto a ligação que esta classe estabelece com o seu território. As áreas de Cerrado goiano desde a década de (19)70 vêm sofrendo um processo contínuo e intenso de transformações produzidas pelo Agronegócio. Na cidade de Catalão, município no situado no sudeste goiano, as transformações no campo produziram uma conformação da agricultura moderna e mecanizada nos topos de chapada por apresentarem as condições adequadas para a agricultura mecanizada e os fundos de vale destinados a agricultura camponesa baseada no policultivo e no trabalho predominantemente familiar. Aos camponeses foram destinados os fundos de vale, as margens dos rios onde construíram ao longo do tempo sua história, o seu território. Os camponeses, assim como toda a sociedade territorializada constroem e são construídos em um movimento dialético contínuo o seu território. O camponês reconhece o território como sinônimo de vida e palco de luta pela permanência na terra de trabalho, engendrando um movimento de reexistir apesar da lógica capitalista, comportificada no agronegócio nas áreas de Cerrado goiano impelir ao movimento contrário, a desapropriação do camponês de sua terra ou lhe retirando a autonomia na forma dos sistemas integrados. O território camponês palco de vida e de reprodução de sua existência vê-se disputado por grandes interesses do capital corporificados no agronegócio e no hidronegócio urdindo uma teia de interesses de privatização dos recursos naturais e agravando a lógica de desterritorialização do campesinato. A história brasileira mostra que o campesinato não é uma classe fadada ao desaparecimento, pelo contrário, mostra a capacidade do camponês de reexistir apesar da pressão do capital como nos movimentos de Trombas e Formoso, Contestado, Canudos e atualmente com movimentos como o MCP – Movimento Camponês Popular, MAB – Movimento do Atingidos por Barragens, MST – Movimento Sem Terra e tantos outros movimentos que lutam pela permanência e posse da terra de trabalho, são formas de luta travadas pelo camponês contra a sua desterritorialização. A classe camponesa,

assim como, os movimentos indígenas, quilombolas têm resistido ao processo e se posicionando da defesa e na disputa pelo território, dando a centralidade de análise necessária à categoria território na compreensão da luta de classes.

Palavras – Chave: Território – Camponês - Expropriação